

Educação Ambiental e Educação em Valores na Formação de Professores

Gabriela Rodrigues Longo¹

Resumo: A dimensão axiológica tem sido considerada um importante conteúdo de ensino, sobretudo ao tratarmos de certas temáticas, como a temática ambiental. Essa dimensão, então, fica evidente na temática ambiental quando o que se propõe é a construção de novas formas de relação entre sociedade e natureza, já que estas se pautam nos valores vigentes na sociedade atual e, para que ocorram mudanças nessa relação, é necessário também uma mudança de valores. É nesse sentido que a educação deve entrar para suprir as lacunas deixadas por esse padrão social que foi construído e, junto a isso, caminha a formação do educador ambiental que será responsável por trazer tão complexas temáticas para dentro da sala de aula. Nesse contexto, e percebendo que os professores não são formados para trabalhar diretamente com valores, o presente trabalho se propõe a discorrer a respeito da relação entre a formação dos educadores ambientais com a educação ambiental e valores e suas limitações.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação em Valores; Formação de Professores.

Environmental Education and Education in Values in Teacher Training

Abstract: The axiological dimension has been considered an important educational content, especially to treat certain themes, such as environmental issues. This dimension, then, gets evident in the environmental issues when what is proposed is the construction of new forms of relationship between society and nature, as they are guided in the prevailing values in society today and for changes to occur in this relationship, it is necessary also a change in values. That is why education must sign in to fill the gaps left by this social pattern that was built and, along with it, goes the formation of environmental educators, that will be responsible for bringing such complex topics into the classroom. In this context, and realizing that the teachers are not trained to work directly with values, which this paper is to discuss about the relationship between the formation of environmental educators with environmental education and values and their limitations.

Keywords: Environmental education; Education in values; Teacher training.

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda na linha de pesquisa de Educação Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Rio Claro). E-mail: gabriela.longo28@hotmail.com

Vivemos uma etapa de uma muito comentada crise ambiental, mas ela vem de uma adversidade muito maior, uma crise de valores que se instalou em nossa sociedade, pois vemos que “na forma de apropriação do ambiente e de seus recursos, com o advento da globalização e neoliberalismo, a humanidade parece assistir passiva o acometimento de danos irreversíveis ao Planeta [...]” (GOUVÊA, 2006, p. 165).

A crise ambiental emerge de um antropocentrismo, em que as pessoas se ausentam de responsabilidade e não possuem a intenção de procurar uma resolução, já que esta poderia interferir em seu ideal de progresso. Esse ideal de progresso, caracterizado como uma economia de crescimento, pode, supostamente, trazer educação, energia, segurança e saúde para pessoas em países desenvolvidos e em desenvolvimento, porém o estilo de vida de alto consumo de grupos privilegiados exacerba a vulnerabilidade de espécies não humanas, das futuras gerações e de pessoas desfavorecidas (KRONLID; ÖHMAN, 2013). Como disse Bonotto (2008), os problemas ambientais atuais são “efeito de uma crise civilizatória mais ampla, a qual exige uma reflexão sobre nossa sociedade, fortemente influenciada pelo modelo econômico e industrial, pela ciência e pela tecnologia”.

É nesse sentido que a educação pode ser vista como um potencial de mudanças do sistema social, como um instrumento de inserção de disputas e discussões, a partir do momento que a vemos com um processo pessoal e social, que possui como objetivo desenvolver cidadãos eficazes e envolvidos, capazes de tomar decisões morais (O’FLAHERTY et al., 2011). Para isso, é necessário o reconhecimento do espaço escolar como espaço de formação do indivíduo, de modo que a valorização do conhecimento produzido nesse cenário não fique apenas na dimensão acadêmica (SOUZA, 2011).

Em um contexto de mudanças sociais, o papel da escola, assim como da universidade, deve ser o de modificar as habilidades e conhecimentos do aluno para se adaptar e alterar o momento atual. Afinal, as universidades não são apenas instituições que geram conhecimento crítico e prático através de pesquisa e bolsas de estudo, elas assumem um papel sem precedentes na sociedade através de suas atividades educacionais e interações com a comunidade, podendo ajudar a desenvolver e difundir o conhecimento, valores, atitudes e disposições favoráveis para o desenvolvimento humano sustentável (MINGUET et al., 2011).

A Educação Ambiental (EA) entra nesse quadro para fomentar discussões que ampliem a visão não só da crise relativa às questões ambientais, mas também no sentido de subsidiar práticas críticas sobre discursos hegemônicos. Essa Educação Ambiental que vai contra o regime vigente da sociedade atual, é crítica e caracteriza o aspecto que vai além do caráter pedagógico, entrando em seu lado político. Quando a EA se distancia de um projeto conservador, ela entra no ambiente escolar como um instrumento de transformação social, contextualizando com a realidade do educando e relacionando essa realidade aos valores que este conhece. Afinal, o ato de se educar envolve mais do que estudantes sendo instruídos, é uma atividade em que o professor compartilha seus ideais, ou seja, um ambiente para uma nova maneira de ver o mundo, de viver nele e de se relacionar com os outros de uma forma mais humana e compreensiva (O'FLAHERTY et al., 2011).

A EA deve, portanto, ser trabalhada na escola de modo a utilizar como ferramenta o meio onde o educando vive, estabelecendo relações com seu cotidiano, “em seus locais de estudo, moradia e trabalho, destacando-se a diversidade cultural e a exclusão social que caracterizam a sociedade” (LOUREIRO et al., 2009, p. 89). Essa ideia vem baseada no fato de que psicólogos educacionais, como Piaget, Vygotsky, Bruner e Gagne sugerem que a interação entre crianças e o ambiente desempenha um papel importante na aprendizagem (CHEW, 2008).

Ressaltamos que o cuidado na inserção da EA deve ser grande, abrangindo a crise ambiental em diferentes escalas e relacionando-a com as disfunções existentes no estilo de desenvolvimento, partindo sempre do princípio de que a questão social e a questão ambiental são intrínsecas uma à outra. São nessas disfunções que aparecem temas como a visão da sociedade atual, que está atrelada à ideia de consumo, uma lógica de acumulação que, para se desenvolver, explora o ambiente e afasta-se de valores relacionados à ética e cidadania.

Nesse sentido, a Educação Ambiental crítica é capaz de se situar na construção de noções de sustentabilidade e valores relacionados à ética. O sentido de educar, nesse caso, vai além de sensibilizar a população para as questões ambientais, ele se relaciona a noções de importância da natureza, capacidade de valorização estética da mesma e entendimento de “certo/errado”, quando se trata de conservação.

Quando a questão dos valores é colocada em pauta, há muita dificuldade por parte de professores e alunos, reconhecendo-se essa temática como um desafio. É nesse contexto, e percebendo que os professores não são formados para trabalhar diretamente com valores, que o presente trabalho se propõe a discorrer a respeito da relação entre a

formação dos educadores ambientais com a educação ambiental e valores e suas limitações. Afinal,

Pensar a formação do professor envolve capacitá-lo, dentre outros, à prática de lidar com o conflito resultante do confronto entre os diversos saberes provenientes de diferentes grupos sociais que frequentam a escola e com os saberes sistematizados existentes em dado momento histórico-social e que a escola se propõe a transmitir. (CORREIA, 2008, p. 13)

TEMÁTICA AMBIENTAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O debate sobre a formação de professores vem ocorrendo no sentido de perceber-se que a qualidade da educação realmente se ancora no processo de educação de professores e de valorização do professor como um profissional. “Nesse sentido, a valorização da formação do professor deve ser colocada em questão pois, no processo de valorização, as categorias política, técnica, profissional e humana tornam-se indissociáveis no plano profissional” (GOUVÊA, 2006, p. 165-166).

Aliado a isso, as tendências da Educação Ambiental e a urgência em gerenciar os danos ambientais fizeram com que as políticas em EA, em diversas esferas, virassem foco. As intensas mudanças sofridas no mundo, em diversos setores (político, econômico, social e ambiental), fazem com que a Educação Ambiental, e, assim, a formação de seus educadores, seja um elemento essencial para o entendimento do mundo que se forma.

Então, a Educação Ambiental tem como função adaptar os indivíduos à sociedade e esses às condições limitadas do ambiente natural. Essa adaptação se faz a partir da preparação intelectual: transmissão/aquisição de conhecimentos científicos acerca do ambiente. (TOZZONI-REIS, 2001, p. 39)

O educador entra, então, como um mobilizador de saberes, construindo e reconstruindo seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências, seus percursos formativos e profissionais (NUNES, 2001).

Porém, temos de levar em conta que a formação de professores no Brasil é considerada, ainda, insatisfatória, e, quando consideramos a Educação Ambiental, o quadro ainda piora, já que nesse caso ocorre uma priorização da formação teórica sobre a prática, além de uma ecologização do conteúdo. Nesse sentido, a formação desses educadores deve envolver processos contínuos de estudo, atualização e valorização de conhecimentos sociais dos próprios educadores (JÚNIOR; TOMANIK, 2013).

A necessidade da intensificação das discussões a respeito da temática ambiental, um saber que está sempre em construção, abre espaço para o repensar de práticas sociais e o papel dos professores, assim como sua formação, para trabalharem

como mediadores do conhecimento e de debates a respeito da importância da responsabilidade de cada um com o meio em que vive e, ainda, sobre mudanças sócio-políticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam cada comunidade.

O educador ambiental deve entender, também, os limites da educação conservadora quando falamos de transformação da sociedade, visto que, a estrutura e as mudanças, tanto da natureza como da sociedade, são objetos da EA. O entendimento de que a crise da relação entre sociedade/natureza e entre sociedade/sociedade aumentou a emergência da situação atual é essencial quando se fala de transformação social.

O professor deve ser capacitado para interagir com os educandos, estabelecendo um diálogo e, assim, uma troca de ideias que vá além do pensamento essencialmente ambientalista, entrando em diversos campos de questionamentos em relação a sociedade em que vivemos. Nesse sentido,

[...] os objetivos da formação de professores em EA não devem ocorrer por um modismo, por um “verde pelo verde inconseqüente” e pontual. Essencialmente, essa educação deve ser motivada pela paixão, pela sedução do conhecimento, pelo movimento ético de manutenção da vida, no sentido mais amplo que esta palavra possa expressar. (SATO, 2001, p. 10).

Souza (2011), em seu trabalho de estado da arte sobre formação de professores em Educação Ambiental no Brasil, com base nos resumos de teses e dissertações do banco da CAPES, encontrou, entre as discussões abordadas pelos trabalhos analisados, aspectos considerados importantes para o desenvolvimento profissional do educador ambiental, tais como: a reflexão, a autonomia, o diálogo, a valorização da diversidade, a participação coletiva, a busca da relação dialética entre teoria e prática, a interdisciplinaridade, a aproximação da comunidade escolar e das universidades, a aprendizagem contínua sobre a realidade circundante e a contextualização no cenário global, aprofundando conceitos e uma compreensão política da EA. Percebemos a valorização da inserção do educador no contexto social que o cerca, para a construção de conhecimentos sociais, além dos científicos, e, ainda, a importância do compartilhamento desses conhecimentos, tanto entre seus pares, como com a comunidade.

Quando pensamos, então, na formação dos educadores, devemos nos distanciar da visão simplista de que o aumento da quantidade de conhecimentos informativos, apenas, será suficiente para modificar conceitos e práticas no trabalho dos professores. Essa

concepção não dá conta da complexa relação entre conhecimento, valores, atitudes e ações. Deve ser levado em conta que o conhecimento está ligado a vida social do sujeito.

É fundamental destacar ainda a importância da relação entre teoria e prática no processo coletivo de aprendizagem. A teoria entra para oferecer aos professores perspectivas que levam a uma compreensão de contextos históricos, sociais, culturais, entre outros, nos quais, em sua atividade docente, surge uma possibilidade de transformação de sua própria prática. Ou seja, o conhecimento será uma relação estabelecida entre a prática docente e as interpretações da mesma. Temos, então, o entendimento de que o conhecimento teórico não se adquire apenas olhando ou contemplando o objeto de estudo, mas, exige que se relacione o olhar com teorias e olhares de outros, além de suas próprias práticas.

A partir de uma formação voltada para a relação entre teoria, prática e reflexividade, os educadores ambientais dispõem de ferramentas para um ensino crítico e voltado a auxiliar os educandos no sentido de uma mudança de postura em direção a uma experiência sustentável com o mundo que o cerca. E, para cumprir esse papel, “a educação ambiental deve envolver como objeto próprio, o confronto com as estratégias de desenvolvimento e do processo de globalização, bem como comportar, nesta missão, a dimensão da cidadania, da ética e da justiça” (GOUVÊA, 2006, p. 165). Ou seja, a faz parte da prática da EA a dimensão axiológica, já que os valores fazem parte de nossa conduta e de nossas escolhas como cidadãos.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TRABALHO COM VALORES

A dimensão axiológica tem sido considerada um importante conteúdo de ensino, sobretudo ao tratarmos de certas temáticas, como a temática ambiental.

Os valores estão presentes naturalmente em nossa vida, uma vez que não somos indiferentes ao mundo que nos cerca. Como vivemos em grupo, nossos valores são construídos a partir de instituições como família, religião ou escola, que obedecem aos mesmos costumes e regras, constituindo e transmitindo valores a partir de suas ações e escolhas.

Halstead, Taylor, & Taylor (2000 apud LEWIS; MANSFIELD; BAUDAINS, 2008) trazem uma definição para valores como sendo os princípios e convicções básicas que geralmente atuam como guias de conduta, em especial os padrões pelos quais as ações são julgadas como bom ou desejável. Como somos uma sociedade mutável, que possui costumes que variam de acordo com o tempo, esses princípios e convicções variam de

tempos em tempos e em determinadas circunstâncias, como mudanças nas relações entre pessoas e grupos.

Essa dimensão, então, fica evidente na temática ambiental quando o que se propõe é a construção de novas formas de relação entre sociedade e natureza, já que estas se pautam nos valores vigentes na sociedade atual e, para que ocorram mudanças nessa relação, é necessário também uma mudança de valores.

Alguns autores, como Lewis, Mansfield e Baudains (2008), falam até da existência específica de “valores ambientais”. Tais valores incluem, por exemplo, a capacidade de viver harmoniosamente dentro dos sistemas ecológicos, o desenvolvimento de uma atitude solidária, responsável para com a natureza, e promover um sentido de continuidade e de comunidade com outras pessoas e todas as coisas vivas.

Como já dito, um dos principais motivos da crise ambiental em que a sociedade se depara é a ética antropocêntrica em que nos encontramos mergulhados. Bonotto e Semprebone (2010, p. 133) explicam bem essa lógica:

Tal sistema de valores concebe o ser humano como centro de todas as coisas e tudo que há no mundo existe em função dele. A natureza é vista como objeto a ser dominado, sendo ela considerada basicamente pelo seu valor de uso, perspectiva utilitarista, segundo a qual as coisas possuem valor se puderem ser úteis para o ser humano.

Assim, para mudarmos essa lógica utilitarista, precisamos alterar a forma como o ser humano se relaciona com a natureza, com outros seres e com a própria espécie, e, para isso, precisamos entrar em contato com os valores presentes na sociedade.

A Educação Ambiental prevê, a partir disso, a construção de uma cidadania responsável, estimulando interações justas entre os seres humanos e os demais seres, caminhando na construção de um futuro sustentável e sadio.

A partir do reconhecimento da relação entre a dimensão valorativa e o processo educativo, diversos autores apontam em direção de um trabalho com valores mais explícito. Quando discutimos assuntos sócio-científicos em sala de aula, como a relação sociedade/sociedade e sociedade/natureza, tornamos esse ambiente “um espaço privilegiado para a prática da democracia, na busca de possíveis respostas a problemas decorrentes da relação entre ciência, tecnologia e sociedade” (SENA; BONOTTO, 2012, p. 182).

Porém, quando falamos de um ensino específico de valores, devemos tomar cuidado com a tomada de posturas doutrinárias, em que acredita-se que um conjunto de valores devem ser transmitidos de forma pronta, como verdades inalteradas. Por outro

lado, existem, também, posturas consideradas relativistas, em que a escola exime-se de assumir um parecer a respeito da transmissão de valores, deixando isso acontecer de forma assistemática, por conta e risco dos próprios educandos, nos mais diversos espaços. Já houveram casos, no Brasil, de doutrinação dentro das escolas, de forma bem característica. Um exemplo é a Educação Religiosa, que catequiza seus alunos a respeito de valores como fé, piedade, tolerância, entre outros. Um outro exemplo são as disciplinas Educação Moral e Cívica ou Estudos dos Problemas Brasileiros, que, durante a ditadura militar, “eram consideradas matérias específicas e por intermédio delas professores especialistas deveriam passar certos valores assumidos como fundamentais” (MENIN, 2002, p. 94). A metodologia ideal é aquela que se situa entre as duas posturas, apresentando os valores de forma a dar uma escolha de discussão, entendimento e posicionamento aos alunos.

É fundamental ressaltar que, quando falamos da inserção da dimensão valorativa na Educação Ambiental, temos como apoio o modelo explicado por Carvalho (2006). Nesta proposta, o autor identifica três dimensões em que a Educação Ambiental, a ser tratada de forma crítica, deve se apoiar: uma relacionada à natureza dos conhecimentos, uma segunda relacionada a participação política do indivíduo, voltada para a formação desde como cidadão, e uma terceira voltada para a dimensão axiológica, relacionada com valores éticos e estéticos.

A formação do sujeito ético se caracteriza pela aquisição de um grau de consciência que leve a uma tomada de responsabilidade social. Assim, o que se propõe, é a compreensão do compromisso ético com a vida e as futuras gerações, além da criação de novos padrões de relação sociedade/sociedade e sociedade/natureza. É nesse sentido a presença constante e fundamental da discussão a respeito da dimensão valorativa, que faz parte do ensino da Educação Ambiental.

FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS E A EDUCAÇÃO EM VALORES

Já foi discutido o fato de que a crise em que a sociedade se encontra está ligada aos valores que estão sendo perdidos por aqueles a quem cabe a responsabilidade de transmiti-los e o desconhecimento daqueles que deveriam estar aprendendo. Porém, para uma pessoa exercer de fato os valores que aprendeu, ela precisa possuir autonomia, para, assim, não agir de forma a reproduzir valores, sem ter a consciência da importância dos mesmos. Uma falha no desenvolvimento de valores pode fazer muita falta no desdobramento social e nas relações criadas pelos futuros cidadãos.

Nosso atual padrão de sociedade passou por diversas mudanças, e é cada vez mais difícil para um educador inserir um modelo de valores na escola, visto que as novas gerações estão cada vez mais desconectadas de dados assuntos, como ética e cidadania.

Observamos um grande avanço nas redes de comunicação e tecnológicas, sendo conseqüências deste suposto “avanço”, uma sociedade “sem” valores morais, capitalista, consumista, um sistema político corrupto, que não luta pela população, famílias desestruturadas por não saberem lidar com as transições ocorridas, falta de uma identidade cultural, ocasionada pela falta de leituras que ajudem na formação de uma humanidade autônoma. (BRAGAGNOLO; KUIAVA, 2010, p. 3).

É nesse sentido que a educação deve entrar para suprir as lacunas deixadas por esse padrão que foi construído. Precisamos de professores que tenham a consciência da importância do seu trabalho e que saibam se valorizar para ensinar os alunos a fazerem o mesmo; conduzindo seu trabalho, sua “arte de ensinar”, de modo a nortear os educandos em meio a toda violência presente no dia a dia dos mesmos. “Cada aluno deve ter consciência que está introduzido numa “tela”, que cuidadosamente irá ser pintada por seus mestres, com sua colaboração e permissão” (BRAGAGNOLO; KUIAVA, 2010, p. 6).

Diversas propostas tem sido apresentadas para o ensino de valores, sendo relacionadas a procedimentos pedagógicos específicos. Geralmente, a educação em valores é considerada atrelada a um processo de socialização ou a formação de hábitos virtuosos. Porém, se ater a apenas uma proposta para um ensino complexo como esse limita as possibilidades de estudo, aderindo a apenas uma metodologia. Afinal, “somos seres biológicos, afetivos, sociais e cognitivos ao mesmo tempo, nenhum desses aspectos deve ser desconsiderado em um modelo teórico que busque dar conta da complexidade humana” (BONOTTO, 2008, p. 318).

Ao pensar em propostas de ensino, não devemos desconsiderar a formação dos professores, que é a figura essencial para concretizar os pontos discutidos acima. Deve-se sempre considerar o professor, também, como um ser social, não apenas um técnico que aplica o conhecimento científico. A atividade do professor deve ser, primeiramente, reflexiva e aberta a interações construídas na prática, e, quanto maiores as possibilidades de troca, mais amplo poderá ser o exercício de reciprocidade – pensar no que pode ser válido, ou ter valor, para todos que convivem e trabalham juntos (MENIN, 2002).

Se considerado, assim, como um ser social, sua formação deve levar em conta os pensamentos e as decisões dos professores, não se limitando aos saberes científicos e racionais. A formação deve estar atrelada a suas emoções, desejos e medos, pois são fatores a se dar conta na vivência do educador em sala de aula. E, ainda, “deve, pois,

favorecer-lhes o processo de construção e reconstrução de saberes e práticas em busca do seu aperfeiçoamento profissional” (BONOTTO, 2008, p. 320).

Quanto mais os professores são inseridos no sistema, presos dentro de uma redoma, mais se tornam ligados a conceitos e teorias, distanciando-se de um ensino que os leve de encontro a outras pessoas, o que foge de um ensino ético, que deve ser sempre a meta do educador, “pois nada somos sem o outro, o outro é parte criadora do eu, o outro faz parte de mim” (BRAGNAGNOLO; KUIAVA, 2010, p. 10). Sendo assim, parte integrante e fundamental do ensino de valores é o convívio social, tomando como escolha de metodologia o local em que ambos, educando e educador, estão inseridos.

Uma proposta a se levar em conta é de que a apreciação estética pode ser uma técnica muito relevante para ser utilizada na aproximação dos professores ao mundo dos valores. Através da aproximação com a dimensão estética da perspectiva axiológica, o educador tem a oportunidade de desenvolver um aspecto afetivo com o objeto de estudo, e pode encontrar mais facilidade em se relacionar com as situações vivenciadas, procurando reconhecer a “beleza e os mistérios da natureza, pretensamente desvendadas e transformadas pela racionalidade científica, em especial por sua expressão mais acabada que é o iluminismo” (CARVALHO, 2006, p. 18).

Finalmente, chama-se a atenção para a oportunidade da formação continuada. Nesse ambiente, o professor tem a oportunidade de refletir sobre as próprias práticas através de relatos e comparações com as práticas de outros colegas. Além de entrar em contato com concepções que não conhecia ou que há muito tempo se encontrava afastado.

Ao se pensar na Educação Ambiental como tema transversal a ser tratado nas escolas, em diferentes disciplinas, o professor se encontra com um desafio em mãos. É nesse sentido, novamente, que a formação continuada pode auxiliar na formulação de metodologias de trabalho que contemplem a dimensão ambiental e a dimensão valorativa, estabelecendo um caráter crítico e reflexivo a seus procedimentos em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muitos anos e, como não poderia ser diferente, na atualidade, a formação docente tem ocupado um espaço nas discussões sobre a educação e a educação ambiental. Afinal, mesmo com tantos debates, fica evidente que a escola não é a única ferramenta para produzir uma transformação na sociedade. O desejo por essa transformação

[...] é latente e alimentado ou por educadores que acreditam que a educação pode fornecer consciência de luta por uma sociedade mais justa ou por educadores que classificam a educação como mera reprodutora do pensamento vigente ou simples formadora de mão-de-obra qualificada. Mas as posturas convergem quando se coloca em questão a formação de professores, pois ambos os lados perceberam que o problema da formação de professores é complexo e muito importante para a educação. (CORREIA, 2008, p. 12)

Torna-se claro o fato de que poucas mudanças acontecerão no cenário educacional, se a formação docente não for constante objeto de atenção. E, se não podemos mudar o cenário educacional, não conseguiremos mudar a sociedade que o cerca, já que as mudanças que procuramos começam na escola, dentro da sala de aula, com os professores debatendo os problemas e motivos da crise atual com seus alunos.

O educador ambiental deve se fazer entender que a sociedade sempre se utilizou da natureza como fonte de recursos, isso é algo inevitável quando pensamos na sobrevivência de uma espécie. Porém, quando o homem começa a aprender e utilizar da natureza, passa também a empregá-la de forma desenfreada, na tentativa de dominar completamente a mesma, além da tentativa de domínio da própria sociedade, como os degraus de uma escada que se usa em uma subida.

Entramos no século XXI envolvidos por uma avalanche diária de informações, que nos alcança de forma cada vez mais rápida e intensa; por descobertas e inovações inimagináveis, resultantes de avanços científicos e tecnológicos; pela oferta crescente de bens de consumo e de um concomitante e maciço bombardeio de propaganda tentando nos convencer que representam de fato “bens” que precisam ser consumidos; por uma quantidade igualmente inimaginável de problemas ambientais e sociais, de intensidade e amplitude crescentes, a exigir soluções. (BONOTTO, 2008, p. 314)

Fomos, cada vez mais, inseridos em um modelo social e econômico que tem em sua base a ideia de exploração do meio e de outros seres, incluindo os seres humanos. Esse conceito de exploração se tornou tão intrínseco em nossos padrões sociais, que deixamos de questioná-lo, em sua maioria, e acabamos por nos acostumar com certas concepções e compreensões que deveriam ser questionadas e possivelmente abolidas.

Permanecemos inseridos no modelo hegemônico capitalista de modo a não interrogar novas formas de sociedade e vivências. É nesse sentido que a educação deve entrar para suprir as lacunas deixadas por esse padrão. A Educação Ambiental é uma forte aliada no sentido de que tem a intenção de reorientar a educação em direção a sustentabilidade. Seu direcionamento deve ser voltado para a transformação dos educandos

servindo de meio para projetos de mudanças que visam o crescimento e o desenvolvimento da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. Educação Ambiental e Educação em Valores em um programa de formação docente. **REEC Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, 7, 2008, p. 313-336.

_____; SEMPREBONE, Angela. Educação ambiental e educação em valores em livros didáticos de ciências naturais. *Ciência e Educação*, Bauru. v. 16, n. 1, p. 131-148, 2010.

BRAGAGNOLO, Felipe ; KUIAVA, Evaldo Antônio. Ética e Valores Morais na Formação de Profissionais da Educação. In: V Congresso Internacional de Filosofia e Educação, 2010, Caxias do Sul. **Anais do V CINFE Congresso Interneccional de Filosofia e Educação**, 2010.

CARVALHO, Luiz Marcelo de. **A Temática Ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens**. São Carlos: Editora da UFSCar, 2006.

CHEW, Edwin. Views, Values and Perceptions in Geographical Fieldwork in Singapore Schools. **International Research in Geographical and Environmental Education**, v. 17, n.4, 2008.

CORREIA, Marinêz Luiza. A formação inicial do professor: os desafios e tensões que a prática pedagógica impõe. **Analecta**, Guarapuava, v. 9, n. 2, p.11-20, jul./dez 2008.

GOUVÊA, Giana Raquel Rosa. Rumos da formação de professores para a Educação Ambiental. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 163-179, 2006. Editora UFPR.

JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães; TOMANIK, Eduardo Augusto. Representações Sociais de Meio Ambiente: Subsídios para a Formação Continuada de Professores. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 1, p. 181-199, 2013.

KRONLID, David O.; ÖHMAN, Johan. An environmental ethical conceptual framework for research on sustainability and environmental education. **Environmental Education Research**, v. 19, n. 1, p. 21-44, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13504622.2012.687043>. Acesso em: 16 jan. 2016.

LEWIS, Elaine; MANSFIELD, Caroline; BAUDAINS, Catherine. Getting down and dirty: Values in education for sustainability. **Issues in Educational Research**, v. 18, n. 2, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; TREIN, Eunice; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos; NOVICKI, Victor. Contribuições da Teoria marxista para a educação ambiental crítica. **Cadernos do CEDES (UNICAMP)**, v. 29, n. 77, 2009.

MENIN, Maria Suzanna de Stefano. Valores na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p.91-100, jan./jun. 2002.

- MINGUET, Pilar Aznar; MARTINEZ-AGUT, M. Pilar; PALACIOS, Belen; PIÑERO, Albert; ULL, M. Angeles. Introducing sustainability into university curricula: an indicator and baseline survey of the views of university teachers at the University of Valencia. **Environmental Education Research**, v. 17, n. 2, p. 145-166, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13504622.2010.502590>. Acesso em: 16 jan. 2016.
- NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, abril 2001. p. 27-42.
- O'FLAHERTY, Joanne; LIDDY, Mags; TANSEY, Lorraine; ROCHE, Cathy. Educating engaged citizens: four projects from Ireland. **Education + Training**, v. 53, n. 4, p. 267-283, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/00400911111138442>. Acesso em: 16 jan. 2016.
- SATO, Michele. Formação em Educação Ambiental – da escola à comunidade. In: MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**, Brasília: MEC, SEF, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/panorama.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2016.
- SENA, Livia Moreiras; BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. A Dimensão Valorativa Da Temática Ambiental e o Trabalho com Valores em Aulas de Ciências. **Nuances: Estudos Sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 23, n. 24, p.179-199, set./dez 2012.
- SOUZA, Daniele Cristina de. Ejes Temáticos en la Investigación Sobre Formación de Profesores para Educación Ambiental en el Brasil: un estudio de monografías y tesis en las áreas de educación y enseñanza de las ciencias y las matemáticas (2003-2007). **Góndola**, v.6, n.1, p. 49-61, 2011.
- TOZZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Educação Ambiental: referências teóricas no ensino superior. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.5, n.9, p.33-50, 2001.

*Submetido em: 26-02-2016.
Publicado em: 30-05-2016.*